

O CLOWN COMO UM FACILITADOR NA EXTENSÃO

Ana Carolina Murta Ramalho¹
Luana Barros Caxias de Souza¹
Ana Dulce Batista dos Santos²

RESUMO

Com o objetivo de promover a empatia e tentar desconstruir a formação acadêmica cartesiana foi criado o projeto de extensão Unidade de Palhaçada Intensiva, que possibilita uma ressensibilização dos universitários colaboradores com o projeto. A UPI tem como objetivo promover a humanização da formação e integrar a sociedade-universidade por meio de atuações em hospitais da região de Petrolina-PE e Juazeiro-BA. A extensão surge como instrumento a ser utilizado pela Universidade para a efetivação do seu compromisso social e é com a troca do olhar, palavras de conforto e até risadas que o clown consegue atingir o paciente e mostrar que existe um mundo de possibilidades além do quarto de hospital. O presente relato tem o objetivo de retratar como a UPI se encaixa em um modelo de extensão e o que o projeto provoca na sociedade, principalmente no âmbito hospitalar, e nos estudantes atuantes, mostrando que é possível formar profissionais capacitados e sensibilizados.

Palavras-chave: Humanização. Empatia. Extensão. Clown.

INTRODUÇÃO

A empatia elemento preconizado pela Política Nacional de Humanização e Gestão (PNH) para a saúde compreendida por Krznaric (2015) como um meio de guiar as ações através da compreensão do outro na sua essência e nos seus sentimentos. Com esse caráter empático e ressignificante que a Unidade de Palhaçada Intensiva (UPI) foi criada como um projeto de extensão na Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF) e vem há cinco (5) anos humanizando estudantes em seu processo formativo e modificando o pensamento cartesiano que impera nas instituições de ensino superior do século XX.

Humanizar sobressai-se como uma necessidade que precisa ser difundida nas atitudes de profissionais e usuários da saúde (BRASIL, 2004), como um elemento do processo de cuidar que incorpora respeito, solidariedade e empatia na atenção ao usuário (COUTINHO *et al*, 2015). Para a PNH, um dos requisitos para se alcançar a humanização da saúde é a presença

¹ Discente do curso de Medicina, Universidade Federal do Vale do São Francisco.

² Docente da Universidade Federal do Vale do São Francisco.

da PNH e desta humanização que tanto se almeja na formação a nível de graduação, pós-graduação e extensão em saúde (BRASIL, 2004). Assim sendo, é necessário que futuros profissionais da saúde estejam imersos em uma formação voltada para o cuidado completo do outro, pois devido aos avanços tecnológicos, cada vez mais os profissionais vem se distanciando desse contato humano e se aproximando de um tratar mecânico (CARDOSO *et al*, 2008).

Para Rodrigues *et al* (2013), a extensão representa um instrumento de consolidação do compromisso social da Universidade. Nesse contexto, há uma aproximação e troca de saberes e experiências entre os entes da universidade (professores e alunos) e a população, a partir de práticas cotidianas, articuladas com o ensino e pesquisa, o que favorece uma fluxo de informações, permitindo a estudantes e população um aprendizado mútuo (RODRIGUES *et al*, 2013). Por meio da ação extensionista na UPI é possível criar um saber diferenciado para os envolvidos, despertar uma forma de olhar o paciente de maneira mais complexa, como um sujeito que está muito além da sua doença e de uma possível cura medicamentosa.

Com o intuito de promover o que poderia ser denominado de transferência e contra-transferência de saberes, no projeto de extensão UPI é desenvolvido o trabalho do clown, que busca mobilizar sentimentos para o despertar de um profissional empático. A arte do teatro *clown* começou a ser incorporada aos hospitais em 1986, por Michael Christensen, de Nova Iorque, e iniciada no Brasil em 1991 com a criação do projeto *Doutores da Alegria* pelo ator Wellington Nogueira, que tinha como objetivo avaliar a necessidade das crianças hospitalizadas e colocar ao seu dispor truques, magia e malabarismo (COUTINHO *et al*, 2015).

OBJETIVOS

O objetivo proposto é relatar a experiência de como a Unidade de Palhaçada Intensiva (UPI) se encaixa dentro de um modelo de extensão; e o que suas contribuições para a sociedade, principalmente no âmbito hospitalar, e para seus integrantes.

METODOLOGIA

Estudo descritivo desenvolvido na modalidade de relato de experiência das vivências dos discentes de medicina, integrantes e membros da coordenação discente do projeto de extensão Unidade de Palhaçada Intensiva (UPI), da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), durante o período de curso no projeto, de maio de 2013 a dezembro de 2016.

A UPI, com o seu desenvolvimento em formação de clown e atuação em área hospitalar e extra-hospitalar, permite uma sensibilização de futuros profissionais de saúde o que possibilita uma troca de informações e sentimentos com pacientes, acompanhantes e equipe, com o foco de trabalhar a empatia e descaracterizar a formação metódica comumente empregada aos universitários.

O método de avaliação do projeto são relatos e diários de bordos publicados no blog dedicado ao projeto (<http://univasfupi.blogspot.com.br/>), com o objetivo de registrar as vivências individuais e coletivas dos participantes.

RESULTADOS

A UPI enquanto projeto humanizador busca levar o cerne das ações de extensão para o ambiente hospitalar, através de seus usuários, profissionais e integrantes do projeto, possibilitando fortalecer esses laços sociais com a universidade. Despontando assim, como uma ferramenta para uma educação humanizada, que de acordo com Dias *et al* (2013) busca aproximar os sujeitos em formação da realidade social dos envolvidos, no intuito de superar práticas educativas reducionistas e coercitivas. O que permitirá no âmbito da universidade compreender a complexidade do estado de saúde, e suscitar o desenvolver de práticas que colaborem para um estado positivo de saúde em todas as suas dimensões biopsicossociais (DIAS *et al*, 2013).

O trabalho do clown promove uma “válvula de escape” a todos os envolvidos, permite ao paciente e ao acompanhante um alívio psicológico e ao próprio estudante – em pele de clown – uma sensibilidade e amplitude de visão do paciente, como um ser complexo que necessita ser ouvido e expressar suas vontades; mostrando que é possível estabelecer uma relação mútua. Os estudantes se mostram envolvidos e sensibilizados com as atuações, é perceptível o benefício da atuação, o que pode ser exemplificado nos relatos a seguir:

“No projeto de extensão - UPI - nós passamos acolhimento, passamos o cuidado e principalmente passamos o amor com o ser humano, independente de credo, opção sexual, cor, condição econômica. Nós passamos igualdade e humanidade. Em troca

de tudo isso recebemos muito amor, encontros, histórias fantásticas e recebemos muito, mas muito cuidado!” (Lucas Ventura).

A esperança em um futuro profissional humanizado e de qualidade é um tema muito discutido entre os estudantes:

“É importante tentar levar sempre um novo olhar sobre a vida (...) sendo necessário que utilizemos de nossa força interna, de nosso humor, de nosso imaginário e de nossa fé para acreditar em dias melhores. Por muitas vezes, ou na maioria das vezes, os pacientes é que me ensinam; me ensinam a ter fé na vida, nas pessoas, a acreditar que ser positivo é a forma mais fidedigna de ter esperança.” (Pedro Marlon).

E o cuidado está sempre em primeiro lugar:

“Quando estamos atuando, mostramos principalmente que estamos ali para cuidar. Como consequência, as pessoas nos retribuem com essa percepção de que elas podem ser um clown na vida do outro, independente dos desafios que já têm em suas vidas.” (Davi Rios).

O ser clown estimula o desenvolver da empatia, da sensibilidade para perceber, sentir, olhar e tocar o outro (LIMA, *et al*, 2007), isso facilita o cuidado e traz bem-estar à pessoa cuidada. Esse tocar o mundo do outro de maneira tão singela quanto na atividade do Clown proporciona ao estudante aprender sobre lições de vida que não são proporcionadas na universidade, como a fé, a esperança e o próprio cuidado que o Clown pensa em doar e termina por receber em dobro.

Quando se pensa na elevada mecanização das ações nos ambientes de trabalho da saúde, esquece-se que na universidade muitas vezes acontece o mesmo com o estudante e que o processo de humanização termina por ficar comprometido por falta de experiências de diálogo e do sentir o outro durante o processo. O que para Lima, *et al* (2007) faz com que se torne ainda mais preponderante a necessidade de educar esses profissionais para o afeto, a cidadania, as emoções para o lidar com o ser humano em sua vulnerabilidade.

Nessa perspectiva, a experiência de ser Clown possibilita o árduo exercício de olhar nos olhos e descobrir seu mundo Krznaric (2015, p.13) salienta nesse sentido que “O esforço para olhar através dos olhos do outro pode ser pessoalmente desafiador – e por vezes extremamente divertido –, mas tem também extraordinário potencial como uma força para a mudança social”. É fundamental que universitários, como ativos modificadores do meio, se empenhem no cuidado empático e humanizado e que saibam cada vez mais valorizar a beleza que é o poder cuidar.

Assim, pela interlocução estudantes Clown e comunidade atendida, percebe-se a modificação direta da realidade da comunidade atendida através das ações de extensão. O que possibilita deslocar os sujeitos de uma condição passiva para ativa em seu processo de cuidar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho do clown possibilita a fixação de olhares e a aproximação entre os indivíduos, o palhaço se expõe na sua máxima pureza em busca do riso o seu ponto de chegada, mas sabendo que o mais importante é aproveitar o caminho, que é a troca de olhares, experiências e sentimentos.

Considerando que o objetivo de um projeto de extensão é a troca de informações e conhecimentos entre a universidade e a sociedade, é possível afirmar que UPI cumpre de fato o seu papel de modificador e integrador social. Ambos os lados são beneficiados, os estudantes entendem as reais necessidades de um profissional de qualidade e aplicam esse conhecimento na prática do dia-a-dia e os pacientes e acompanhantes demonstram o carinho pelo tempo que lhe fora dedicado com um sorriso no rosto e um: “Que dia você volta?”.

Assim sendo, o clown – agente transformador do meio – deve ser valorizado e sua prática disseminada para diversos meios acadêmicos, proporcionando uma desconstrução cartesiana e proporcionando cuidado e informação pelas vias de comunicação sociedade-universidade.

REFERÊNCIAS

RODRIGUES A. L. L., PRATA M. S., BATALHA T. B. S., COSTA C. L. N. A., NETO I. F. P. **Contribuições da extensão universitária na sociedade.** Caderno de Graduação – Ciências Humanas e Sociais. Aracaju, v.1, n.16, p. 141-148, mar. 2013.

DIAS, A. M. *et al.* **Os benefícios da educação e humanização em saúde com cuidadores de crianças e adolescentes hospitalizados:** um relato de experiência. XVI Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e XII Encontro Latino Americano de Pós-Graduação – Universidade do Vale do Paraíba, 2013.

LIMA J. O. R., MUNARI D. B., ESPERIDÃO E., SOUZA J.C. **Aprendendo o cuidado humanizado:** a perspectiva do graduando de enfermagem. Revista Ciência, Cuidado e Saúde, jan/mar, 6(1): 1120, 2007.

CARDOSO M.P., ZAMIN N.T., ZANOVELO N.S., SENGER P.C., SIMÕES J.C. **A humanização da medicina contemporânea.** Revista do Médico Residente, vol. 10, n3:117, jul/set 2008.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Manual do PNHAH – Programa Nacional de Humanização da assistência.** Secretaria do Estado da Saúde. 2005. Disponível em: http://www.saude.sp.gov.br/resources/ses/perfil/gestor/homepage/auditoria/manuais/manual_pnh_ah.pdf. Acesso em: 28 de janeiro, 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Secretaria-Executiva.** Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. HumanizaSUS: política nacional de humanização: documento base para gestores e trabalhadores do SUS. – 2 Ed.–Brasília: Ministério da Saúde, 2004. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/humanizaSUS_politica_nacional_humanizacao.pdf

COUTINHO B. B., FERREIRA S. A. V., BONINI L. M. M., MELO T. R. C. **Humanização na visão do estudante de medicina que atua ou não como clown de hospital.** Resumo expandido.2015, Disponível em: http://www.umc.br/_img/_diversos/pesquisa/pibic_pvic/XVIII_congresso/artigos/Bianca%20Bueno%20Coutinho%20-%20Resumo%20Expandido.pdf. Acesso em: 28 de janeiro, 2017.

KRZNARIC, R. **O poder da empatia:** a arte de se colocar no lugar do outro para transformar o mundo. Traduzido por Borges, MLXA. 1 Ed., Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

BLOG UPI: <http://univasfupi.blogspot.com.br/>. Acesso em: 28 de janeiro, 2017.